

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA EM
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

MARCELO VICTOR ALVES MAIA

**O REALISMO FANTÁSTICO NA TV BRASILEIRA:
ESPELHO DAS VIRTUDES E AGRURAS DE UM
POVO**

RECIFE/2022

MARCELO VICTOR ALVES MAIA

**O REALISMO FANTÁSTICO NA TV BRASILEIRA:
ESPELHO DAS VIRTUDES E AGRURAS DE UM
POVO**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de tecnólogo em Produção Audiovisual.

Professor Orientador: Társio Alves

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

M217r Maia, Marcelo Victor Alves.
 O realismo fantástico na tv brasileira: espelho das virtudes e agruras de
 um povo / Marcelo Victor Alves Maia. - Recife: O Autor, 2022.
 53 p.

 Orientador(a): Társio Alves.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
 Brasileiro – UNIBRA. Tecnólogo em Produção Audiovisual, 2022.

 Inclui Referências.

 1. Desenvolvimento. 2. Empratamento. 3. Ficha técnica. 4. Food
 design. 5. Estética. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 004.4'27

MARCELO VICTOR ALVES MAIA

**O REALISMO FANTÁSTICO NA TV BRASILEIRA:
ESPELHO DAS VIRTUDES E AGRURAS DE UM
POVO**

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Produção Audiovisual, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof.º Tarsio Alves
Orientador

Me. Horison Lopes de Oliveira
Professor Examinador

Esp. Diego Leonel Alves de Sá
Professor Examinador

Recife, ___/___/___

NOTA: _____

Dedico esse trabalho a todo brasileiro que carrega no peito a essência e, na mente, memória o suficiente para espalhar pelo mundo o Brasil Real, com suas virtudes e suas agruras, lutando todos os dias, sem jamais agonizar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

A Deus, primeiramente, e a Nossa Senhora, pela força vital, em âmbitos espirituais e físicos, para conseguir realizar este trabalho em meio a tantas mudanças e reviravoltas que aconteceram em minha vida durante o período de estudo e desenvolvimento;

Minha sincera gratidão ao meu orientador, Tárσιο Alves, pela atenção, calma e boa vontade sempre transmitidas na escuta dos propósitos e dos andamentos desta pesquisa;

À minha família, em especial à minha mãe, Rita Maia, por, além de ter me concedido a vida, me apoiar incondicionalmente frente a todas minhas decisões e clarear minhas ideias com sua irrefutável sabedoria; meus dedicados pais Marcelo Alves e Benedicto Vidal, por suas indispensáveis torcidas e investimentos no meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional; à minha irmã Bruna Maia, por simplesmente ser a minha melhor amiga e parte mim; ao meu tio, José Maia, que, desde sempre, me ensinou a refletir sobre o lado sensível e fantástico das coisas - as quais não podemos ver, mas fazem parte de nossa realidade; às minhas avós, Mariete Maia e Fátima Melo, pelas doces palavras de conforto e orações em intenção do meu sucesso.

Aos verdadeiros amigos do peito, pela encorajadora torcida durante as etapas de desenvolvimento dessa pesquisa.

À minha família do coração, que construí durante o período em que morei em Porto Alegre-RS, de Setembro de 2021 a Junho de 2022, em especial à D. Gilmara e Janine (Titi), pelo carinho e incentivo à continuidade dos meus estudos e da minha dedicação, literária e prática, à arte e à cultura brasileira como um todo.

*“Os mentirosos são parecidos com os
escritores que, incomodados com a
realidade, inventam outras.”
(Ariano Suassuna)*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	10
3 RESULTADOS	12
3.1 O Realismo Fantástico	12
3.2 Saramandaia (1976)	15
3.3 Roque Santeiro (1985)	18
3.4 Tieta (1989)	23
4 DISCUSSÃO	25
4.1 O Fantástico e o Brasil em Saramandaia	25
4.2 O Fantástico e o Brasil em Roque Santeiro	32
4.3 O Fantástico e o Brasil em Tieta	42
4.4 O Declínio do Realismo Fantástico na TV Brasileira	51
4.5 O Brasil volta a sonhar e a se ver	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

O REALISMO FANTÁSTICO NA TV BRASILEIRA: ESPELHO DAS VIRTUDES E AGRURAS DE UM POVO

Marcelo Victor Alves Maia
Prof.º Orientador: Társio Alves

Resumo: Este presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre o uso do estilo Realismo Fantástico em três grandes sucessos da teledramaturgia e, por meio disso, apontar nessas obras aspectos que as tornaram um retrato crítico, lendário e bem humorado do Brasil e dos brasileiros em diferentes épocas - passando por períodos de intensa censura, na Ditadura Militar, até a redemocratização e a volta da liberdade de expressão -, identificar o processo de declínio do Realismo Fantástico por meio da análise dos dados de audiência de novelas que continuaram fazendo uso do estilo nos anos 90 e, por fim, defender a produção de narrativas do gênero quanto produtoras de enormes sucessos, baseado na análise das atuais médias gerais de audiência produzidas por 'Pantanal' no horário das 21h, na Rede Globo.

Palavras-chave: Realismo. Fantástico. Teledramaturgia. Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Já é sabido o espaço que as telenovelas ocupam no coração dos telespectadores brasileiros. Contudo, é importante indagarmos o processo que levou a isso. Muitas são as explicações: puro entretenimento, "falta do que fazer", etc. Mas nenhuma sobressai à razão principal que é a identificação com as vivências populares na "telinha maravilhosa". Reconhecer-se neste espaço é de uma imprescindibilidade ímpar, que fez com que as novelas brasileiras se tornassem uma espécie de espelho do Brasil e dos brasileiros, um meio de sabermos quem somos, onde e como estamos, nesta perspectiva vemos o poder da novela em representar a diversidade do país. Neste espirituoso retrato, não há estilo mais próprio para isso do que o Realismo Fantástico. Não à toa, entre os anos 70 e 90, a teledramaturgia brasileira foi brindada com grandes sucessos do estilo, campeãs de audiência que ficaram para sempre enraizadas no consciente popular. O Realismo Fantástico

repetiria hoje, no mesmo país - com as mesmas diversidades e adversidades políticas e culturais -, o sucesso e a aceitação do público conquistado outrora?

Analisar o Realismo Fantástico como estilo utilizado no desenvolvimento de sucessos como “Saramandaia”, “Roque Santeiro” e “Tieta” fará com que esse estilo, nascido numa vertente literária na agitada América Latina dos anos 40, passe a ter conhecimento por parte do público consumidor de teledramaturgia, além de evidenciar a sua importância para com o papel de conservação e identificação dos tipos e histórias comuns do cotidiano e do imaginário popular brasileiro.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Na literatura brasileira, o realismo fantástico encontrou seus expoentes no século XX, nas obras *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, *O pirotécnico Zacarias*, de Murilo Rubião, *O relógio de Belisário*, de José J. Veiga, *Acontecimentos em Vila Feliz*, de Aníbal Machado, e *O coronel e o lobisomem*, de José Candido de Carvalho, entre outros (Alencar, 2013).

Mas foi na teledramaturgia que o estilo achou o seu principal meio de falar dos brasileiros para os próprios brasileiros, de forma que todos, letrados ou não, pudessem compreender.

Cláudio Cardoso de Paiva (2003), aponta que, no Brasil, a narrativa desenvolvida no formato de telenovelas era uma forma de romper com a hegemonia típica dos discursos oficiais da Ditadura Militar, expressando o frenesi existente com relação à vitalidade das culturas populares, bem como suas formas de oralidade.

Com ‘Saramandaia’, escrita por Dias Gomes e exibida pela Rede Globo, em 1976, o realismo fantástico foi muito bem utilizado na construção, disseminação e representação de personagens, atmosferas e narrativas que reforçam a identidade nacional, à vista do momento político, tão ameaçada pela presença das mídias e conceitos norte-americanos.

Os aspectos territoriais refletem-se nos feitos de seu povo, a princípio, em sua arte, oralidade e/ou escrita. Nessa nossa América Latina - povoada por

indígenas, negros, brancos e tantas outras etnias entrelaçadas -, a pluralidade se revela em histórias e estórias que revelam as vias mais profundas da terra, seus credos e lembranças. Tudo isso se firma numa ambiência em que o real e o irreal se cruzam com a mesma fidedignidade, transformando a lenda em fato – este feito tem por nome de Realismo Fantástico. Para Carpentier (1987, p. 79): Pela virgindade da paisagem, pela formação, pela ontologia, pela presença fáustica do índio e do negro, pela revelação que propiciou sua descoberta, pelas fecundas mestiçagens, a história da América Latina seria uma crônica do real maravilhoso.

O Realismo Fantástico é um movimento literário nascido no início do século XX, na América Latina e visa a afirmação identitária do território juntamente com uma visão crítica de tudo que compõe a modernidade ocidental.

Vera Lúcia Figueiredo (2013) explica que o realismo maravilhoso enquanto gênero literário “colocava em destaque a força da cultura latino-americana, marcando positivamente o efeito singular das nossas misturas, simbioses e sincretismos”.

Quando um povo é fidedignamente representado, sem deixar de lado seus deslizes e suas virtudes, a auto identificação surge como um dos fenômenos mais encantadores que a teledramaturgia pode despertar no telespectador.

De segunda a sábado, no mesmo horário, o público consegue se enxergar e enxergar o próximo, ou mesmo o lugar que nasceu, isso é o que chamamos de representatividade - termo em voga no Brasil dos últimos anos, frente aos movimentos e questionamentos acerca das desigualdades sociais e raciais ainda tão presentes no país.

Dentro desta pesquisa, esclarecemos o que é o Realismo Fantástico, abordando as três principais produções que levaram o estilo para a televisão – ‘Saramandaia’, ‘Roque Santeiro’ e ‘Tieta’ -, suas narrativas, os aspectos de identificação com o “fantástico”, o cotidiano estético e factual brasileiro e suas trajetórias de expressivo sucesso nos quadros do Ibope. Além disso, traçaremos o declínio do Realismo Fantástico na TV aberta e as motivações para seu desuso do

começo dos anos 2000 em diante. Exemplificar e evidenciar como o público se relaciona com os muitos aspectos dessas produções que acabaram os retratando, seus lugares e vivências. E, por último, analisar abertamente o futuro deste estilo na mesma televisão aberta quase 25 anos depois de seu último sucesso. O principal referencial teórico para esmiuçar o tema do estilo em questão é Vera Lúcia Figueiredo com sua obra esclarecedora “A ficção equilibrada: narrativa, cotidiano e política” (2020) e sua publicação sobre o Realismo Fantástico no caderno Globo Universidade (2013). A conclusão é fortalecida pela obra do Dr. Sigmund Freud: “O mal estar na civilização” (1930) na defesa dos motivos pelos quais os aspectos comuns em narrativas do estilo servem como refúgio às conturbações da realidade que nos cerca.

3 RESULTADOS

3.1 O Realismo Fantástico

Segundo o dicionário de sociologia de Johnson (1997), o Realismo é: “(...) um método filosófico usado para compreender a realidade que enfatiza a importância de levar em conta não só o que pode ser observado pelos sentidos, mas também o que não pode. Se nos limitamos apenas ao que pode ser visto diretamente, por exemplo, tendemos a focalizar os aspectos mais superficiais da vida social. Não podemos observar motivos, crenças e valores humanos, tampouco vários aspectos estruturais das sociedades, tais como sistemas de classe. Na verdade, o conceito de sociedade é em si, de muitas maneiras, uma representação abstrata de algo que não podemos observar diretamente” (Johnson, 189). Sendo assim, ao considerarmos apenas os aspectos físicos e visuais das coisas, não conseguimos extrair o todo, a essência, seu real sentido. Ainda que a essencialidade das coisas sejam ocultas e passíveis de análise, estas habitam e compõem a realidade.

Por sua vez, o “Fantástico” é produzido na imaginação, na fantasia.”. Segundo o dicionário de Filosofia de Abbagnano, 2007: “o romantismo deu significado à fantasia como imaginação criadora, e neste sentido “Hegel via a fantasia como “imaginação simbolizadora, alegorizadora e poetante”, logo

“criadora””(Abbagnano, 498). Em sentido do Realismo Fantástico, estilo literário que surgiu em meados do século XX, o “Fantástico” tem relação com o maravilhoso universo pelo qual a América Latina foi formada, ou seja, com o encantamento dos conquistadores do século XVI para com este continente marcado pelo que é diverso ou até mesmo espantoso.

Os aspectos territoriais refletem-se nos feitos de seu povo, a princípio, em sua arte, oralidade e/ou escrita. Nessa nossa América Latina - povoada por indígenas, negros, brancos e tantas outras etnias entrelaçadas -, a pluralidade se revela em histórias e estórias que revelam as vias mais profundas da terra, seus credos e lembranças. Tudo isso cria uma ambiência em que o real e o irreal se cruzam com a mesma fidedignidade, transformando a lenda em fato – este feito tem por nome de Realismo Fantástico. A Fantasia, dizia Novalis: “é o sentido maravilhoso que em nós pode substituir todos os sentidos. Se os sentidos externos parecem submeter-se a leis mecânicas, a fantasia evidentemente não está ligada ao presente nem ao contato de estímulos anteriores. Desse modo, o caráter desordenado, ou rebelde, da imaginação fantasiosa, em virtude do qual essa forma de imaginação parecia inferior às outras do século 18, no século 19, passa a ser um elemento positivo, um mérito, uma característica da liberdade criadora. A estética romântica ateu-se à essa valorização da fantasia” (Abbagnano, 498).

A professora e pesquisadora Vera Lúcia Figueiredo (2013) observa que o “realismo maravilhoso” se tornou a característica da cultura do continente, a marca literária que a distinguiu do mundo europeu. Pelo viés da perplexidade que os conquistadores tiveram da América quando aqui chegaram no início do século XVI, o escritor cubano Alejo Carpentier criou o estatuto “real maravilhoso”, para designar a dificuldade dos colonizadores em nomear as particularidades do Novo Mundo (Figueiredo, 2013).

Pela trajetória da fábula e sem deixar de adotar uma visão crítica da modernização desigual estabelecida na América Latina, Figueiredo (2013) esclarece que o realismo maravilhoso enquanto gênero literário “colocava em destaque a força da cultura latino-americana, marcando positivamente o efeito singular das nossas misturas, simbioses e sincretismos”

Ana Lúcia Trevisan, doutora em letras pela Universidade de São Paulo (USP) na área de Literatura Espanhola e Hispano-Americana, afirma que “as formas de expressão literária traduzem o mundo em belas palavras imaginativas e, tantas vezes, alcançam um poder de representação capaz de inundar a realidade, redimensionando-a. As obras literárias deixam entrever no percurso das palavras as muitas vozes da cultura e da história; conseguem até mesmo apresentar traços de verdades do tempo presente, refletindo mentalidades multifacetadas de diferentes sujeitos históricos.”

Ainda sobre a relação entre formação literária e a realidade, Trevisan (2013) completa: "Quando pensamos o longo percurso da história literária, identificamos os relatos míticos, os contos populares, os contos de fada como manifestações importantes que fazem parte de uma memória imaginativa universal. O imaginário de diferentes povos está permeado por tais formulações narrativas que legitimam, pelo viés do fantástico e do maravilhoso, os sentidos da cultura e da identidade de diferentes povos. Inegável a ideia de que nos constituímos como sujeitos também pela nossa capacidade de imaginar, de interagir com formas de representação do real, que não pertencem necessariamente à nossa experiência empírica.”.

Na literatura mundial, o gênero “fantástico” emerge com diferentes histórias que são desenvolvidas em cima de acontecimentos sobrenaturais, ou absurdos. O conceito de realismo fantástico, “realismo mágico” e “neofantástico” podem ser deturpados ou misturados, bem como os dos gêneros “fantasy” e “ficção científica”. A diversidade de obras e reflexões acerca do fantástico não deve interferir no processo de compreensão do gênero, o que pode facilmente ocorrer quando traçado um paralelo entre ele e o hermetismo. Contrariamente, não há nada mais inteligível do que um gênero literário capaz de abordar e/ou representar a realidade dos fatos e dos acasos humanos de maneira não empírica, mas sim por meio do encantamento despertado pela linguagem metafórica e pelos simbolismos.

Uma expressiva invasão de vampiros, lobisomens, mortos-vivos, fantasmas e outras criaturas nortearam a literatura fantástica do século XIX, com suas gradações de dúvida e medo. Porém, já no século XX, essas feras deixam de ser apenas externas e passam a ser parte de nós, seres humanos, de nossas atitudes questionáveis, além de nossos sentimentos como a angústia - tão presente num

mundo caótico, afetado por progressos desiguais, guerras, regimes ditatoriais, dentre outras coisas mais em que o “absurdo” começa fazer parte de uma realidade tão próxima que poderíamos, antes de imaginá-la, enxergá-la, bastando apenas olharmos para a nossa volta.

No Realismo Fantástico, a Dra. Ana Lúcia Trevisan (2013) explica que: “os elementos considerados insólitos estão inseridos na ordem da narrativa de forma naturalizada. O fato absurdo integra as relações de causa e consequência”. O mesmo acontece com as telenovelas que utilizam o estilo para desenvolverem as suas narrativas, como ‘Saramandaia’ (1976), que incorpora os elementos insólitos no cotidiano de seus personagens, que os enxergam de maneira factual.

3.2 SARAMANDAIA (1976)

Tudo começa em 1976 com ‘Saramandaia’, de Dias Gomes. No período, a TV Globo estava buscando aprimorar a grade de programação com novos horários, assim se deu na criação do horário de novela das 22h00 – que, na verdade, começavam entre 22h30 e 23h00 da noite. É importante ressaltar que as artes já sofriam com a descomunal censura da Ditadura Militar que ora instituía o país. Especialista em ser censurado e grande ativista político, Gomes utilizou da linguagem metafórica e do Realismo Fantástico para compor os elementos desta trama que, além de testar novos estilos na televisão, expunha a clara visão do autor sobre o período – suas lutas e seus absurdos – criando em ‘Saramandaia’ um microcosmo do Brasil.

A narrativa tem por epicentro das tramas Bole-Bole, um pequeno vilarejo atemporal no Nordeste do Brasil, onde os cidadãos se mobilizam em prol de um plebiscito para a alteração do nome da cidade para Saramandaia. Com isso, a cidade se divide entre os “Tradicionalistas” – liderados pelo coronel Zico Rosado - e os “Mudancistas” – liderados pelo coronel Tenório Tavares e apoiados por João Gibão, vereador e autor do projeto.



Seu Cazuzo, vivido por Rafael de Cavalho, em Saramandaia – 1ª versão, 1976.

Acervo/Globo. — Foto: Globo



Yoná Magalhães, Jorge Gomes e Pedro Paulo Rangel em Saramandaia – 1ª versão,

1976. Acervo/Globo. — Foto: Globo

No primeiro capítulo da novela, durante uma discussão sobre a mudança do nome da cidade, Seu Cazuzo (Rafael de Carvalho) fica tão vermelho que o coração vai parar na boca. Ele consegue engoli-lo de volta, mas é dado como morto – o povo

acha que ele não engoliu direito. Como era contra a substituição do nome Bole-Bole, os tradicionalistas logo passaram a considerá-lo como o primeiro mártir de sua causa, dizendo que ele morreu de “indignação cardíaca”. O defunto, porém, volta à vida durante seu cortejo fúnebre. (*Memória Globo, Saramandaia 1ª Versão, 1976*)

Interesses políticos e econômicos estão por trás da discussão sobre a mudança do nome da cidade. O coronel Tenório Tavares defende a troca, pois pretende lançar no mercado a cachaça Saramandaia, nome que fez questão de registrar antes mesmo da realização do plebiscito. A bebida será concorrente da cachaça Bole-Bole, produzida por seu inimigo, Zico Rosado, defensor ferrenho da manutenção do nome da cidade. A briga, extensiva aos partidários de um e outro, reflete a disputa política entre os dois coronéis, que agem através de meios lícitos e ilícitos para se manter no poder. (*Memória Globo, Saramandaia 1ª Versão, 1976*)

Para escrever a trama, Dias Gomes inspirou-se num fato verídico: no início dos anos 70, a cidade gaúcha de Não-Me-Toque mudou de nome para Campo Real, depois de um movimento popular que alegava que a cidade era alvo de brincadeiras das cidades vizinhas por causa do nome inusitado (anos depois um novo plebiscito decidiu pela volta do nome antigo). O realismo mágico também foi uma das inspirações do autor. Este estilo literário estava em alta naquela época e tinha Gabriel García Márquez como seu maior expoente. Saramandaia foi vista como uma espécie de vingança de Dias Gomes aos censores do governo militar. Porém, mesmo com um texto afiado de críticas disfarçadas, a novela não conseguiu passar ilesa perante os censores, e quase todos os capítulos da história sofreram cortes. Para driblar a censura, o autor usou uma estratégia: como os censores eram trocados constantemente e os critérios de corte variavam muito, ele inseriu as cenas que haviam sido vetadas nos capítulos posteriores, até que elas fossem aprovadas (*Nilson Xavier. Blog do Nilson Xavier, 31 de março de 2019*).


Num lugar onde se põe formigas pelo nariz, que se explode de tanto comer, que, literalmente, se pega fogo ao excitar-se, que se põe o coração pela boca, onde um sujeito que não dorme há anos vira lobisomem nas noites de lua cheia e que se é possível ter um par de asas e alçar voo, tudo pode acontecer, bem como no Brasil de 76, país que aceitava com silêncio os feitos do regime militar como, por exemplo, o AI-5, interferindo na livre criação de conteúdo cultural e artístico no país. Foi

indignado com tudo isso que Dias Gomes criou este universo para poder falar – o que não evitou dele ter sido por mais de 400 vezes cortado e reeditado pelos censores do governo federal ao longo da produção da novela que, com suas peculiaridades e humor afiado, encantou os telespectadores.

ROQUE SANTEIRO (1985)

Em 1985, o Brasil voltaria a se encantar com Dias Gomes e sua fantástica cidade de ‘Asa Branca’ com a telenovela ‘Roque Santeiro’. Tida até os dias atuais como uma das maiores telenovelas do país, a trama, a princípio “O Berço do Herói”, fora uma peça teatral montada em 1965 e que, como tantas outras no regime vigente, foi censurada e sujeitada às reedições. Na década de 70, a TV Globo já tentava adaptar ‘Roque Santeiro’ para a televisão – chegando a ter 30 capítulos escritos – quando foi censurada de ir ao ar na noite de estreia em 27 de agosto de 1975 – fato que fez com que o setor de dramaturgia da emissora entrasse em total desespero, mas sem perder o controle da situação, às pressas, logo iniciou a produção de uma novela substituta: Pecado Capital, de Janete Clair, que viria a ser um dos maiores sucessos da década.

Anos mais tarde, em 1985, “Roque Santeiro” voltava livre do AI-5, mas ainda sob os olhares e cortes da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), com produção e estética muito superiores às de alcance na década passada e com um elenco fora do comum – com José Wilker, Regina Duarte, Lima Duarte, Ary Fontoura, Eloísa Mafalda, Paulo Gracindo e tantos outros grandes nomes da dramaturgia nacional.

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS		
CERTIFICADO Nº	FILME(S) A(S)	ANOS
51.102	TELENOVELA	XX - XX - XX
TÍTULO EM PORTUGUÊS	CAPS. 11/12 --	
TÍTULO ORIGINAL	"ROQUE SANTEIRO"	
DIRETOR	PAULO UBIRATAN	
CLASSIFICAÇÃO	ÉMISSÃO	VALIDADEZ
PROIBIDO PARA ANTES DAS 20:00 HORAS	02 DE JULHO DE 1990	02 DE JULHO DE 1985
AUTENTICAÇÃO DE IMPRESSÃO	<i>Coriolano de L. Fagundes</i> CORIOLANO DE LÓIDIA C. FAGUNDES <small>DIRTOR DE CEN.</small>	
CERTIFICADO Nº	51.102	
FILME	"ROQUE SANTEIRO"	COM -- II
GÊNERO	TELENOVELA	EP. Nº 11"12 --
PRODUTOR	CENTRAL GLOBO DE PRODUÇÃO	
DISTRIBUIDOR	REDE GLOBO DE TELEVISÃO	
DECRETO DA DCCP	PROIBIDO PARA ANTES DAS 20:00 HORAS. COM CORTES: CAP. 12 PÁG. 05. CONFORME ASSINALADO NO "SCRIPT". PARTES NÃO GRAVADAS: CAP. 11 PÁGS. 06 E 07. CONFORME ASSINA LADO NO "SCRIPT". - LIVRE PARA EXPORTAÇÃO.	
		COM CORTES
EMISSÃO	02 DE JULHO DE 1985	RAYMUNDO ESTANISLAU DE MESQUITA
	GRC	<small>CHefe DO SECTOP</small>

*Certificado de Liberação de exibição, com ressalvas, da Telenovela Roque Santeiro.
Documento sob a guarda do Arquivo Nacional.*

Na noite do dia 24 de Junho de 1985, data tão brasileira marcada pela festa de São João, estreou marcando recorde de audiência logo em sua primeira semana. Não demorou muito para que a nova “febre teledramatúrgica” alterasse o cotidiano das cidades brasileiras, a exemplo de Recife que, pela audiência de “Roque Santeiro”, os candidatos às eleições para deputado foram levados a cancelar seus comícios no horário de exibição da trama. Além disso, o compromisso dos telespectadores com a novela levou uma reportagem a mostrar as vias das principais capitais do país sem o seu conturbado trânsito automotivo – este só voltando ao normal após o fim do capítulo do dia.

Na novela, mais uma vez uma pequena cidade cria um microcosmo do Brasil: Asa Branca, um local onde a economia gira em torno do turismo religioso marcado pela figura de Roque Santeiro – um coroinha que, no passado, teria salvo a

cidade durante a invasão de cangaceiros e, morrendo, tornou-se um mártir pela igreja do vilarejo. Com a história heróica em mãos, o Padre, o Prefeito, o Coronel e tantos outros comerciantes de Asa Branca tiram proveito das caravanas turísticas e da fé do povo no “falso-santo”. Mas tudo se abala quando descobrem que Roque Santeiro, retornando à cidade anos depois, não morreu. O grupo interessado faz de tudo para convencê-lo a não revelar a sua “vivência”.

A crítica à exploração religiosa, as falsas convenções morais e a corrupção são uma das principais abordagens trazidas por “Roque Santeiro”. O autor é uma testemunha do seu tempo; os personagens refletem os conflitos, os ideais, as frustrações, a vivência de uma determinada época. Eu me interesso por essas abordagens, essas questões me tocam, me estimulam. O meu povo me motiva. O grande personagem das minhas histórias é o meu povo, então tudo que se refere a ele me interessa e faz parte da minha dramaturgia.” Dias Gomes sobre seu trabalho.

Em sentido de abordagem fantástica, entra em cena o professor Astromar – vivido por Rui Resende. O drama do professor-lobisomem, que andava todas as noites pelo cemitério e, na lua cheia, se transformava em fera, atraiu os olhares dos milhares de telespectadores que acompanhavam assiduamente ao folhetim, cativando-os pelo puro interesse ou pela memória afetiva de histórias de mal assombro que chegam aos brasileiros por meio da oralidade popular – principalmente nos interiores, visto que, o Brasil, é um país majoritariamente interiorano ou rural, atingindo, em cheio, este público maior. Não há como falar de “Roque” e não citar Sinhozinho Malta – personagem vivido pelo célebre Lima Duarte – o típico político-coronel corrupto, cheio de bordões e expressividade, mas, ao contrário do estereótipo comum de “mandachuva”, suas ordens alcançavam a todos exceto à sua amantíssima noiva, Viúva Porcina – vivida pela excelente Regina Duarte, em seu auge na televisão como a admirada “namoradinha do Brasil” -, uma mulher de temperamento extremamente forte, extravagante e dominadora – características estas que, ao contrário do repúdio, fez com que o público se rendesse aos defeitos que alimentavam o caráter “humano” da personagem. O triângulo amoroso da narrativa iniciou com o retorno de Roque – vivido pelo saudoso José Wilker – à Asa Branca. Para se valer dos bons tratos e viver no luxo que lhe caberia em tal posição, Porcina se auto declarava noiva-viúva de Roque Santeiro –

nomeação verdadeiramente cabida à Mocinha (Lucinha Lins), filha de Florindo Abelha (Ary Fontoura), o prefeito, e Dona Pombinha (Eloísa Mafalda). Porém, ao retornar, Roque acaba sabendo da falsa história e não a desfaz, tornando-se, na verdade, o amante de Porcina – que é noiva de Sinhozinho Malta.

É curioso notar na escrita criativa de Dias Gomes as contradições bem-humoradas que este faz na construção de personagens, enredos e localidades de suas tramas. A exemplo de “Roque Santeiro”, até o personagens do elenco de apoio têm na história a sua função, por sua vez, ou cômica, ou denunciativa, ou as duas. Decembrino – porteiro da Pousada do Sossego, vivido por Luiz Magnelli – têm uma “injustificativa” história para seu nome: “(...) DECEMBRINO (Luiz Magnelli) – Porteiro da Pousada do Sossego. Nasceu em 1º de janeiro, mas seu nome já estava escolhido, então ficou sendo esse mesmo.” (*Memória Globo, acesso em 10/07/2021 às 11:14*).

Outro coadjuvante que ganha destaque não só pela descrição do personagem em si, mas por suas falas marcantes é o Cego Jeremias, vivido pelo brilhante Arnaud Rodrigues. Jeremias é um cego cantador – figura muito representativa das pequenas cidades do interior do Brasil – que, com suas músicas em versos rimados, conta a história de Roque Santeiro na porta da Igreja. Contudo, muito apesar de ser cego, é ele quem, com sensibilidade, mais enxerga as intenções das proezas e acontecimentos da cidade e seus habitantes – cantando e denunciando, como todo bom artista, por meio de metáforas, os seus atos, sejam eles bons ou ruins.

Encerrada com 209 capítulos, em razão do grande sucesso – chegando a inimitáveis 98 pontos no Ibope –, “Roque Santeiro”, a novela que mostrou o melhor e o pior do povo brasileiro, ganhou duas reprises na Rede Globo em 1991 e em 2000 respectivamente, além de, no Canal Viva – também do grupo Globo -, uma reprise entre 2011 e 2012.

Cássia Kis Magro lembra que o último capítulo de *Roque Santeiro* foi ao ar exatamente na noite de estreia da peça *Fedra*, na qual ela contracenava com Fernanda Montenegro, e que a preocupação de todos era que não aparecesse ninguém para ver a montagem, em cartaz no Rio de Janeiro.

Globo 50 anos: Roque Santeiro. Teledramaturgia Globo. Acessado em 10/07/2021 às 12:11.

Sua média geral é de 74 pontos de audiência, sendo a telenovela de maior audiência da televisão brasileira^[24]. Em seu primeiro capítulo marcou 68 pontos.

Telenovelas por média geral

#	Informações sobre a telenovela				Audiência em São Paulo		Ref.
	Título	Emissora	Capítulos	Exibição original	Média geral	Total de domicílios	
1	<i>Roque Santeiro</i>	Globo	209	24 de junho de 1985 até 22 de fevereiro de 1986	74 pontos	2,11 milhões	[21]
2	<i>Tieta</i>	Globo	196	14 de agosto de 1989 até 31 de março de 1990	65 pontos	2,51 milhões	[22]

Lista de Telenovelas brasileiras com maior audiência. Wikipédia. Acessado em 01/06/2022 às 21:21.

No seu último capítulo, a novela marcou 96 pontos, picos de 100. Sendo assim a novela mais assistida da Rede Globo. Quando foi reprisada, pela primeira vez em 1991, na extinta faixa da Sessão Aventura, a audiência foi satisfatória, muito maior do que às das séries estrangeiras que ocupavam o horário, chegando a marcar 36 pontos (*Wikiwand: Roque Santeiro. Acessado em 13/07/2021*).

Foi com Roque Santeiro que o “pai do Realismo Fantástico na TV”, Dias Gomes, encerrou seu ciclo de telenovelas com o estilo – sustento este ponto mesmo o autor tendo retornado ao horário das 20h em 1996 com ‘O Fim do Mundo’, porém sendo não uma novela, mas sim uma minissérie de 35 capítulos exibida especialmente no horário nobre como uma novela em formato reduzido. Contudo, para bem-aventurança da teledramaturgia nacional, o mestre sempre deixa um pouco de si com seus aprendizes. Aguinaldo Silva, tido como discípulo de Dias, quando o assunto é Realismo Fantástico, tornou-se, a partir de então, o mestre da vez – foi Aguinaldo que assinou os capítulos de Roque Santeiro a partir dos 51 até o 163, quando Dias Gomes pediu pra finalizar a trama. Grande admirador das obras do autor baiano Jorge Amado, em 1989, Aguinaldo levou para a televisão a sua

belíssima adaptação de 'Tieta' – que coroou, definitivamente, a televisão brasileira do final dos anos 80.

TIETA (1989)

Calor, dunas de areia, coqueiros, braços de rio e mar, sensualidade, humor popular, críticas sociais e fantasia: eis algumas das palavras-chaves para designar 'Tieta' e sua atmosfera. Uma telenovela deliciosamente solar, opinativa e cheia de consistentes personagens que ficaram marcados na memória coletiva dos telespectadores, como Tieta, Perpétua, Cinira, Bafo de Bode, Dona Milu, Zé Esteves e tantos outros.



Roberto Bomfim, Chaguinha, Renato Consorte e José Mayer em Tieta, 1989. Bazilio Calazans/Globo — Foto: Globo

No uso do Realismo Fantástico, os tipos e as histórias comuns das entranhas do Brasil são postas na tela de forma a apresentar, ou melhor, representar o povo. Não é difícil rodar pelo interior do país para ouvir histórias como a de Antonieta Esteves, ou para todos apenas Tieta. O drama da bela moça que esbanja sua sensualidade pelos quatro cantos da cidade, provocando olhares dos mais diversos tipos de homens, despertando inveja de outras moças e surtindo como

fofoca na boca dos conservadores da vida alheia – eis o enredo inicial da protagonista na fictícia cidade de Santana do Agreste, na divisa do litoral entre a Bahia e Sergipe.



Cidade Cenográfica de Tieta, 1989. Bazilio Calazans/Globo — Foto: Globo

“Se perder” neste mundo convidativo e caloroso não foi difícil pra jovem Tieta que, após deitar-se com um mascate que estivera de passagem pela cidade, é espancada pelo pai em plena praça pública – sob os olhares tortuosos dos demais que, apáticos, assistiam a tudo – e expulsa de sua terra natal. Assim como Tieta, milhares de histórias como a dela e tantas outras aconteceram e continuam acontecendo de maneira isolada pelos cafundós do país. É aí que entra em evidência a importância de um dos tantos atributos do Realismo Fantástico: a representatividade. Contar histórias como essa na televisão aberta, considerando um país tão grande como o que vivemos, é levar as mais comuns e excêntricas vivências de tantos lugarejos e regiões pra locais que sequer poderiam imaginá-las. É nesse momento que o tão falado eixo “Rio-São Paulo” é desviado do caminho das produções e, para elas, são também apresentados centenas de tantos outros eixos, como Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e, desse modo, os telespectadores do já citado eixo “Rio-São Paulo” têm a oportunidade de, na vez, assistir ao restante do país pela tela da televisão, e os outros diversos eixos têm a sua oportunidade de ser assistido ou, melhor falando, representado.

4 DISCUSSÃO

As tramas, a construção dos personagens, a estética e a atmosfera de 'Saramandaia' (1976), 'Roque Santeiro' (1985) e 'Tieta' (1989) são resultados de uma missão literária e artística de espelhar o Brasil para os próprios brasileiros, isso é o que chamamos de Realismo Fantástico em figuração e essência.

4.1 O FANTÁSTICO E O BRASIL EM SARAMANDAIA

O uso do fantástico em 'Saramandaia' está explicitado sobre todos os fatos e personagens. Valendo-se da linguagem metafórica, Dias Gomes criou tipos que não só resgataram figuras típicas do folclore luso-brasileiro, como o Lobisomem - fera que, nas noites de lua cheia, possuía o professor Aristóbulo Camargo, vivido brilhantemente por Ary Fontoura -, mas também criou personagens que enraizaram e habitam até hoje no imaginário popular, como Dona Redonda, a mulher que explodiu de tanto comer.



Bastidores da cena em que Dona Redonda (Wilza Carla) explode na novela "Saramandaia", da Rede Globo, em 1976. Imagem retirada da Internet.

O uso literal de expressões, como "saltar o coração pela boca", "botar formigas pelo nariz", "bater as asas" ou "pegar fogo de tanto desejo", para a

construção das figuras habitantes da fictícia Bole-Bole fez de 'Saramandaia' a obra com uma das bíblias de personagens mais originais da história da teledramaturgia.

(...) Inspirado no realismo fantástico, Dias Gomes apresentou um painel de personagens exóticos para, por meio da ficção, abordar questões políticas, culturais e socioeconômicas, transformando a cidade fictícia da novela em um microcosmo do Brasil. O coronel Zico Rosado põe formigas pelo nariz; Dona Redonda (Wilza Carla) explode de tanto comer; a sensual Marcina (Sônia Braga) provoca queimaduras com o calor do corpo; o professor Aristóbulo Camargo (Ary Fontoura) se transforma em lobisomem nas noites de quinta-feira. Além disso, sob a aparente corcunda, o pacato João Gibão esconde um par de asas (GLOBO, Memória, 2022).

Estruturado entre ficção e realidade, o realismo fantástico revolucionou o gênero telenovela na década de 1970 com uma linguagem totalmente nova, fazendo uso de figuras, histórias e comportamentos já bem conhecidos pelos telespectadores.

Como em todas as obras de Dias Gomes, o autor utilizou não só a linguagem metafórica, mas também seus personagens para criticar a política brasileira e seus absurdos. “[...]Existe uma adequação causal entre o gênero como tal e certas representações existentes na sociedade brasileira, notadamente aquelas referentes à construção da ordem social, da verdade e, portanto, relacionados às formas de controle social e de resolução de conflitos” LAURA GOMES (p. 13).

Em plena Ditadura Militar, 'Saramandaia' foi alvo do Departamento de Censura do Governo Federal inúmeras vezes, sofrendo cortes em quase todos os seus capítulos. Contudo, Gomes criou uma forma de driblar e afrontar os censores por meio de uma estratégia de série de repetições de cenas, ela funcionava do seguinte modo: como os censores do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP) eram constantemente trocados, o autor repetia a cena vetada 20 capítulos depois, caso a cena fosse novamente cortada, ele ia repetindo-a até ser finalmente aprovada.

(...) sobre a censura em Saramandaia. O especial traz documentos, ofícios e memorando mostrando que a novela sofreu cortes da Censura Federal. Os documentos e depoimentos e as quase 400 páginas com ofícios, memorandos, cartas e scripts revelam um pouco da visão do regime. Quase tudo na novela foi motivo de reclamação: os personagens pouco convencionais, o erotismo, as relações amorosas e, claro, as questões sociais e políticas presentes na trama. A pesquisa foi feita no Arquivo Nacional, onde estão os documentos da Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP) (GLOBO, Memória, 2022).

A trama conta a história da mobilização dos habitantes do vilarejo fictício de Bole-Bole por conta de um plebiscito em prol da troca do nome da cidade para Saramandaia. A partir disso, o lugar se divide em dois grupos, promovendo uma campanha ferrenha. De um lado, o coronel Zico Rosado, vivido pelo saudoso Castro Gonzaga, lidera os "tradicionalistas", valendo-se de justificativas históricas para conservar o nome original da cidade. Do lado oposto, temos os "mudancistas", que são liderados pelo coronel Tenório Tavares, vivido pelo excelente Sebastião Vasconcelos, que tem o apoio de João Gibão, interpretado por Juca de Oliveira, vereador e autor do projeto: ao qual eles alegam ter vergonha do nome Bole-Bole, devido a um acontecimento com Dom Pedro II na cidade.

Parece só "história de novela", mas não é. Ao escrever a trama, o autor se inspirou num caso real acontecido no Brasil em 1971, no município de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul. Um movimento popular pediu a mudança do nome do lugar para Campo Real, depois da cidade ser, por muito tempo, alvo de brincadeiras das cidades vizinhas, devido ao nome inusitado. Porém, em 1976, coincidentemente no ano de exibição de 'Saramandaia', depois de agitadas campanhas, a população acabou optando por meio de um plebiscito pela volta do nome antigo. Esse é um exemplo, de muitos outros, de quando a ficção utiliza da realidade e vice-versa.



Figurantes encenam protesto na cidade cenográfica de Saramandaia – 1ª versão, 1976. Acervo/Globo. — Foto: Globo

Apesar de tudo, atrás de toda a discussão, os interesses políticos e econômicos motivam o apoio dos dois coronéis rivais na trama. O coronel Tenório Tavares defende a troca de nome do lugar porque pretende lançar no mercado a cachaça Saramandaia - nome que, antes mesmo de realizarem o plebiscito, já havia sido registrado por ele, revelando, assim, a sua intenção velada. Já a insistência do coronel Zico Rosado pela continuidade do nome Bole-Bole vem pela cachaça de mesmo nome produzida em suas terras.

A briga entre os dois personagens revela as clássicas disputas políticas que acontecem até os dias atuais, dos municípios às capitais do Brasil, com figurões como estes, que agem por meios lícitos e ilícitos para conseguirem permanecer no poder. Apesar do tempo e da troca de titularidades, as intenções continuam as mesmas - são esses que chamo de “novos-coronéis reformados”, eles continuam falando o que todos querem ouvir, louvando a democracia e deixando a falsa sensação de que ela está segura e nas mãos do povo.



Castro Gonzaga e Ary Fontoura em Saramandaia – 1ª versão, 1976. Acervo/Globo.

— Foto: Globo

No Brasil dos anos 70, tratar de assuntos como abuso de poder e direitos trabalhistas era uma árdua missão. Primeiro porque abordar essas temáticas seria muito custoso para que os censores federais liberassem a veiculação da produção, e, por último, ela seria facilmente boicotada pelos interesses privados das classes mais abastadas da sociedade, como a classe política e dos grandes empresários, por exemplo. Mas foi valendo-se do Realismo Fantástico e sua linguagem metafórica que Dias Gomes conseguiu trazer para a televisão aberta essas e outras questões.

(...) Ao longo da trama, o vereador João Gibão (Juca de Oliveira) denuncia a falta de assistência médica e social para os trabalhadores da usina de Zico Rosado (Castro Gonzaga). O tema controle da natalidade também é abordado na novela, por meio do Maestro Cursino (Brandão Filho), que tem seis filhas e receia que sua mulher engravide novamente e dê à luz um menino. Segundo a lenda local, um filho homem, depois de uma série de seis filhas, vira lobisomem (GLOBO, Memória, 2022).

Ao tratar do tema Controle de Natalidade, até então tão pouco falado e divulgado, nota-se o uso do fantástico na figura do Prof. Aristóbulo Camargo, sétimo filho homem de uma linhagem de irmãs mulheres - esse ocorrido causa medo no Maestro Cursino, vivido por Brandão Filho, que tem seis filhas e teme uma nova gravidez da mulher, podendo ser o sétimo filho homem e tornar-se lobisomem, assim como o professor. O Maestro procura o farmacêutico Seu Cazuzá, interpretado por Rafael de Carvalho, que receita pílulas anticoncepcionais para a sua esposa, que se recusa a tomá-las justificando ser contra sua religião, além disso, ela é apoiada pelo Padre Romeu, vivido por Francisco Dantas, alegando que ninguém tem o direito de evitar a vinda de uma criança ao mundo. Acaba que Dona Fifi, esposa do Maestro, engravida e tudo deixa a entender que se trata de um filho homem.



Ary Fontoura como Prof. Aristóbulo Camargo, em Saramandaia – 1ª versão, 1976.

Acervo/Globo. — Foto: Globo

A leveza com que o tema “Controle de Natalidade” ou “Métodos Anticoncepcionais” - no Brasil dos anos 70 - é tratado não reduz a sua importância e impacto, mas o torna mais compreensível e o possibilita chegar com maior facilidade

na mente do telespectador, podendo este ser letrado ou não e até mesmo portador de uma crença a favor ou contrária, levando-o, por fim, à reflexão.

Tantas vezes censurada, 'Saramandaia' explodiu não só na trama - com Dona Redonda, personagem de Wilza Carla - mas no coração do público que, muito apesar do horário, às 23h00, assistia maravilhado ao texto inovador de Dias Gomes e colocava na boca do povo as expressões originais do esquisito vocabulário do vilarejo de Bole-Bole e seus emblemáticos habitantes.



Cena em que João Gibão finalmente revela suas asas e voa, em Saramandaia, 1976, na Rede Globo. Imagem retirada da Internet.

Na noite do dia 31 de Dezembro de 1976, o personagem central, João Gibão, alçou vôo com seu par de asas - tantas vezes escondidas pelo medo do julgamento - na tela da televisão de milhões de brasileiros, tudo isso ao som de Ednardo com o tema de abertura "Pavão Mysteriozo", que veio como a cereja do bolo, já que a letra da música faz, assim como a novela, uma metáfora à liberdade de expressão e a persistente opressão da Ditadura Militar que tentava, a todo custo, censurar o Brasil, com seus dilemas e belezas, frente ao olhar dos brasileiros - o que, com a exibição de 'Saramandaia', acabou tornando-se uma falha tentativa, graças à genialidade de Dias Gomes e dos artifícios do Realismo Fantástico inteligentemente por ele usados para conseguir dialogar com o povo, independente das circunstâncias e suas dificuldades. Mesmo sendo exibida tarde da noite, a

novela sustentou uma impressionante média geral de 36 pontos, tornando-se um sucesso.

(...) Me poupa do vexame de morrer tão moço, muita coisa ainda quero olhar / (...) Não temas, minha donzela, nossa sorte nessa guerra / Eles são muitos, mas não podem voar (EDNARDO, Pavão Mysteriozo, 1974).

4.2 O BRASIL E O FANTÁSTICO EM ROQUE SANTEIRO

Satírica, politizada e bem-humorada: esta é ‘Roque Santeiro’, a trama mais marcante da história da teledramaturgia brasileira.

(...) O texto de Dias Gomes para “Roque Santeiro” e os personagens tão brasileiros criados por ele são um retrato fiel e bem-humorado do Brasil, é uma obra completa. — diz a atriz Patricia Pillar (ANGEL, Carmem, O Globo - Cultura, 21/12/2021).

Em 1975, com autoria de Dias Gomes, a Rede Globo tentou adaptar “O Berço do Herói”, peça teatral do mesmo autor, montada em 65 sob as diversas dificuldades impostas pela censura do Departamento de Censura às Diversões Públicas (DCDP). Foi uma aposta alta e arriscada do setor de teledramaturgia da emissora. Nomes consolidados como Lima Duarte, Betty Faria e Francisco Cuoco integraram o elenco principal. Antes mesmo de estrear, na noite de 27 de agosto de 1975, a exibição da novela foi proibida pela Censura Federal, quando essa se deu conta de que a produção, com 30 capítulos já gravados, se tratava, na verdade, de uma adaptação da peça que, anos antes, fora impedida de ser encenada.

Para justificar a censura, o Governo Federal explicou que a novela afrontava a moral e os bons costumes, além de ser uma ofensa à igreja, devido ao texto satirizar a exploração política e comercial da fé religiosa.

Segundo o site Memória Globo, “no dia da proibição, o locutor Cid Moreira leu no Jornal Nacional um editorial assinado pelo presidente da Rede Globo,

Roberto Marinho, anunciando o veto. Em meio à comoção da equipe, a emissora teve apenas três meses para produzir outra novela. Para preencher o buraco na programação, foi exibida uma reprise compacta de Selva de Pedra (1972), de Janete Clair, posteriormente substituída por Pecado Capital (1975), da mesma autora” (GLOBO, Memória, acesso em 11/06/2022, às 17:51).



Impresso divulgando a 1ª versão censurada de 'Roque Santeiro' com xilogravuras do artista pernambucano J. Borges. Imagem retirada da Internet.

Enquanto a Ditadura Militar caminhava rumo à queda, em 1985, sob a coautoria de Aguinaldo Silva e direção-geral de Paulo Ubiratan, a Rede Globo voltou a investir alto em uma nova versão de 'Roque Santeiro'. Em tempo recorde de 20 dias, a cidade cenográfica da fictícia Asa Branca foi erguida em Guaratiba, zona oeste do Rio de Janeiro. Dessa vez, o triângulo amoroso da trama ficou formado por Regina Duarte, José Wilker e Lima Duarte - ainda vivendo Sinhozinho Malta, como na 1ª versão - nos papéis principais, a novela rapidamente virou uma febre nacional, pois vinha muito mais aberta às falas e com meios de produção e estética muito superiores às de alcance na década passada.

(...) “Quando veio a abertura gradual do Geisel, do Brasil, ‘Agora podemos fazer a novela’. E com essa abertura, com essa lufada de vento saudável que perpassou o Brasil, veio a novela Roque Santeiro. E o povo percebeu: ‘Agora podemos falar, respirar, pesquisar a nós mesmos, saber o que somos, como pensamos, de que jeito agimos, como vamos nos relacionar com a história, o que será desse país daqui pra frente’. Roque Santeiro foi um deslanchador dessa revolução, na televisão pelo menos, nesse universo recôndito e maravilhoso das telenovelas, da nossa liberdade, do nosso suspirar e respirar, do nosso encontro conosco mesmo. Esse foi o grande sucesso” (DUARTE, Lima; Memória Globo).

A história do povo que tinha fé no santo que não morreu falava muito do Brasil e dos brasileiros. Na trama, quando a fictícia Asa Branca foi invadida no passado por um bando de cangaceiros saqueadores, Roque, interpretado pelo saudoso José Wilker, que era sacristão e fazia santos de barro - por isso o nome Roque Santeiro - se aproveitou de toda a confusão para roubar o cofre da igreja matriz e fugir da cidade. Mas, quando uma menina que sobreviveu acaba falando que o rapaz apareceu para ela numa visão, Roque é reconhecido pela população como salvador da criança, tornando-se santo. Depois disso, curas e milagres começam a ser atribuídos a ele e, com isso, Asa Branca logo ganha fama e passa a ser um importante destino de romarias religiosas. Porém, tudo se abala quando Roque volta à cidade 17 anos depois, e ameaça os interesses de quem mais se beneficiou da mentira, além de pôr a sustentação da cidade em risco. Entre os que se sentem ameaçados estão o Padre Hipólito, vivido pelo saudoso Paulo Gracindo, o prefeito Florindo Abelha, vivido pelo excelente Ary Fontoura, o explorador comerciante Zé das Medalhas, interpretado por Armando Bógus e o fazendeiro - com todos os tiques e manias de rei na barriga e alma de coronel - Sinhozinho Malta, interpretado brilhantemente por Lima Duarte.



José Wilker em Roque Santeiro, 1985. — Foto: Jorge Baumann / TV Globo

Asa Branca espelha um país essencialmente religioso, que, devido às influências culturais no processo de formação da nossa identidade enquanto povo, tem em seu território diversas cidades e municípios que vivem das suas relevâncias históricas e religiosas, como Aparecida-SP, com a romaria da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, e Juazeiro do Norte-CE, com a romaria do Padre Cícero, sendo este último exemplo a que mais se aproxima do enredo da novela, não só por ser ambientada no Nordeste - como no roteiro original -, mas por se tratar de uma romaria em prol de um santo considerado e surgido no meio do povo, deixando de lado os trâmites e a aprovação oficial, ou não, da Igreja Católica Apostólica Romana com relação à sua santificação

É inegável que, em lugares como esses, iniciativas privadas e públicas acabam tirando grande proveito das movimentações turísticas e econômicas levadas pelas romarias, que só acontecem devido à manifestação da fé popular. O cuidado da equipe de cenografia em evidenciar esses aspectos estava espalhado por toda cidade cenográfica de 'Roque Santeiro'. Na praça principal, uma feira livre com barracas vendendo artigos religiosos e relíquias do falso-santo estampava e preenchia boa parte das cenas externas e dos acontecimentos da trama. Em qualquer lugar do Brasil, feiras como estas podem ser encontradas em um período determinado ou mesmo durante todo o ano. Em Juazeiro do Norte-CE, por exemplo,

na feira dos romeiros do Padre Cícero Romão, que recebe milhares de devotos e turistas do país e do mundo todo, é possível encontrar os mesmos produtos encontrados nas tendas da feira religiosa da fictícia Asa Branca, como velas, terços, membros do corpo humano em cera, resina ou madeira - para agradecimento pela cura de enfermidades -, santos, cordéis e relíquias - como pedaços da batina - do Padre Cícero, entre outras coisas supostamente atribuídas ao seu uso quando em vida, além da arte improvisada dos repentistas e violeiros, como o personagem Cego Jeremias, vivido por Arnauld Rodrigues.



Bancas de artigos religiosos que compunham a feira da cidade cenográfica de 'Roque Santeiro' (1985), da Rede Globo. Imagens retiradas da Internet.



Em Juazeiro do Norte-CE,romeiros de Padre Cícero compram santos e terços em bancas de artigos religiosos. Imagem retirada da Internet.

(...) “A história de Roque Santeiro é tão antiga quanto o ser humano. Ela foi contada na bíblia, é a história do filho pródigo que volta e revoluciona aquilo que está instalado. Agora, tudo isso é contado com muito humor. Essa é uma das grandes vitórias de Dias Gomes e Aguinaldo Silva. Muitas vezes essas histórias políticas são contadas com certo ranço de suposta ou pretensa seriedade e isso tira o encanto delas e afasta o telespectador. Mas quando isso é contado com a devida ironia, com o devido senso de humor, é bastante atraente” (WILKER, José; Memória Globo).

Segundo o site Memória Globo, a cidade cenográfica da novela “(...) foi construída em Guaratiba, na zona oeste do Rio de Janeiro, aproveitando a vegetação local. Para dar vida à Asa Branca, o cenógrafo Mário Monteiro criou uma cidadezinha que fosse parecida com Juazeiro do Norte, no Ceará, Porto das Caixas, no Rio de Janeiro, e Aparecida, em São Paulo – cidades que vivem em função da religiosidade popular. Asa Branca se parecia com as três, mas tinha identidade própria” (GLOBO, Memória; Roque Santeiro).

Por se tratar de um microcosmo do Brasil, a equipe de cenografia preocupou-se em retratar várias regiões nas edificações de “Asa Branca”, como uma

espécie de patchwork dos diferentes estilos que compõem e denotam as identidades regionais. A mistura trouxe aspectos da arquitetura vernacular Nordestina, a colonial Mineira e Carioca, e sem esquecer de elementos que remetiam ao Centro-Oeste e ao Sul do país. Essa intenção também perpassou à prosódia dos personagens, que tinham sotaques variados, como o nordestino (Sinhozinho Malta e Porcina), o carioca (Matilde, Ninon e Rosaly), o gaúcho (o delegado) e o mineiro (Seu Flô), esse aspecto torna-se fantasioso a partir do momento em que esses personagens nasceram e se criaram na mesma localidade.



Cidade cenográfica de 'Roque Santeiro' (1985). Foto: Nelson Di Rago / Globo

O uso do Realismo Fantástico aqui se deu mais na figura do misterioso Prof. Astromar Junqueira, vivido pelo talentoso Rui Resende, que virava Lobisomem - depois que a primeira exibição de 'Roque Santeiro' foi censurada em 1975, esse personagem foi aproveitado em 'Saramandaia' (1976) com o nome de Prof. Aristóbulo, que também carregava a maldição. Um dos grandes trunfos da narrativa de Roque Santeiro foi ter todo o excesso de estranhezas utilizado de maneira sutil e equilibrada, ao contrário de 'Saramandaia' (1976)



Ruy Resende em Roque Santeiro, 1985. — Foto: Geraldo Modesto/Globo

Como em várias de suas obras, em 'Roque Santeiro' Dias Gomes não só falou das mais expressivas figuras que habitam o imaginário popular, mas também os que habitam a nossa realidade. Da mulher mal falada - representada por Matilde (Yoná Magalhães), mulher de espírito livre e dona da boate Sexus -, passando pelos críticos conservadores - como o Padre Hipólito (Paulo Gracindo) e Dona Pombinha (Eloísa Mafalda) - até o fazendeiro e político corrupto - como Sinhozinho Malta (Lima Duarte).



Yoná Magalhães, Paulo Gracindo, Eloísa Mafalda e Lima Duarte em 'Roque Santeiro' (1985), da Rede Globo. Imagens retiradas da Internet.

Também foi possível inventar tipos que acontecem por rara autenticidade, como a inesquecível e escandalosa Viúva Porcina (Regina Duarte), que era uma pessoa ignorante de berço mas dotada de inteligência e intuição para as vantagens empresariais e amorosas. Ela representava a mentalidade-comum das pessoas de classes menos abastadas quando colocadas em situação de poder e riqueza, em que passam a esbanjar suas posses de maneira desordenada e pouco harmoniosa - isso se refletia em sua indumentária, com figurinos compostos por maquiagens exageradas, vestidos colantes de seda, cores fortes, bijuterias com muito brilho, turbantes, chapéus, óculos chamativos e sapatos de salto alto.

Na época, apesar dos figurinos de Porcina representarem a cafonice da personagem, o seu estilo, intitulado de “Porcina’s Look” virou febre entre as mulheres que acompanhavam a trama e queriam ter a mesma autenticidade e brilho da personagem que tinha os homens ao seus pés - até mesmo o poderoso Sinhozinho Malta, que movia terras e céus para fazer as suas vontades.

(...) “Roque Santeiro foi um parque de diversões. Com ela eu aprendi a ter uma atitude positiva e de autoestima, acreditar que não tem que ficar presa por convenções, que não pode ter vergonha de si mesmo, dos sonhos que deseja alcançar. A Porcina é sinônimo de alegria e liberdade, como mulher. E também me ensinou muito porque eu era toda Ton sur ton, recatada, tímida, só usava o brinco que combinava com o sapato, com a bolsa. Com a Porcina eu percebi que podia ser livre, podia usar qualquer cor, que não havia regras, o que havia era o desejo de sentir bem, amada, feliz, de bem com o mundo, com a vida. E ela era isso. Uma mulher que me ajudou a perceber que eu não precisava me levar tão a sério” (DUARTE, Regina; Memória Globo, Roque Santeiro).



Viúva Porcina (Regina Duarte) e Sinhozinho Malta (Lima Duarte), na novela 'Roque Santeiro' (1985), da Rede Globo. Imagem retirada da Internet.

'Roque Santeiro' foi um folhetim feito para falar sobre o povo brasileiro para o próprio povo brasileiro, utilizando uma linguagem fantástica e bem humorada para traduzir os tipos de habitantes, as questões sociais e o cotidiano brasileiro. Este é, sem dúvidas, o mais marcante exemplo do uso do Realismo Fantástico nas novelas do Brasil.

Não à toa, a obra sustentou uma média geral de 74 pontos de audiência durante o seu horário de exibição. O site Memória Globo relembra que: "Em Recife, segundo jornais da época, a audiência de Roque Santeiro levou candidatos às eleições para deputado a cancelarem comícios no horário em que a novela era exibida".

Telenovelas por média geral

#	Informações sobre a telenovela				Audiência em São Paulo		Ref.
	Título	Emissora	Capítulos	Exibição original	Média geral	Total de domicílios	
1	<i>Roque Santeiro</i>	Globo	209	24 de junho de 1985 até 22 de fevereiro de 1986	74 pontos	2,11 milhões	[21]
2	<i>Tieta</i>	Globo	196	14 de agosto de 1989 até 31 de março de 1990	65 pontos	2,51 milhões	[22]

Lista de Telenovelas brasileiras com maior audiência. Wikipédia. Acessado em 01/06/2022 às 21:21.

Por fim, foi coroada no seu último capítulo, em 22 de fevereiro de 1986, com inimitáveis 96 pontos de audiência e picos de 100, que lhe renderam o título de novela mais assistida da Rede Globo, sendo depois vendida e exibida em vários países, como Espanha, Portugal, Chile, Argentina, Canadá, Angola, Cuba, México e Estados Unidos.

4.3 O BRASIL E O FANTÁSTICO EM TIETA

Foi com Roque Santeiro que o “pai do Realismo Fantástico na TV”, Dias Gomes, encerrou seu ciclo de telenovelas com o estilo – sustento este ponto mesmo o autor tendo retornado ao horário das 20h em 1996 com ‘O Fim do Mundo’, porém sendo não uma novela, mas sim uma minissérie de 35 capítulos exibida especialmente no horário nobre como uma novela em formato reduzido. Contudo, para bem-aventurança da teledramaturgia nacional, o mestre sempre deixa um pouco de si com seus aprendizes. Aguinaldo Silva, tido como discípulo de Dias quando o assunto é Realismo Fantástico, tornou-se, a partir de então, o mestre da vez – foi Aguinaldo que assinou os capítulos de Roque Santeiro a partir dos 51 até o 163, quando Dias Gomes pediu pra finalizar a trama. Grande admirador das obras do autor baiano Jorge Amado, em 1989, Aguinaldo levou para a televisão a sua belíssima adaptação de ‘Tieta’ – que coroou, definitivamente, a televisão brasileira no final dos anos 80.

O romance de Jorge Amado, publicado em 1977, conta o drama de Tieta, uma adolescente aventureira e dotada de liberdade sexual - recebendo o apelido de Cabrita, fase jovem da cabra, animal muito comum em criações do sertão e litoral Nordestino -, que acaba sendo denunciada por sua invejosa irmã Perpétua a seu pai, o rude Zé Esteves. Ela acaba recebendo uma surra de cajado e é mandada embora de casa. Passados mais de 25 anos, ela volta rica e muito poderosa para a fictícia cidade de Sant’Ana do Agreste. Na cidade, habitam típicos representantes do

interior baiano, que lutam para sobreviver em meio aos preconceitos e obstáculos causados pela desigualdade social - é por meio dessa localidade e seus personagens que Jorge Amado cria uma espécie de microcosmo do conservadorismo brasileiro, compondo uma gama de conflitos e consequências que se estabelecem com a chegada dos primeiros sinais do 'progresso' àquele inato mundo de sol, areia, despretensão e libertinagens.

Na televisão, 'Tieta' era pra ser apenas uma minissérie, dirigida por Roberto Talma, para ser exibida na Rede Globo. A negociação dos direitos da obra foi feita pela própria atriz escalada para viver a protagonista, Betty Faria, que tratou tudo diretamente com Jorge Amado. A novela programada para ser exibida no horário das 20h seria "Barriga de Aluguel", de Glória Perez, porém, o então vice-presidente de operações da emissora, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, reprogramou a novela para às 18h e ordenou a produção de 'Tieta' para ocupar horário das 20h. Sob direção de Reynaldo Boury e sob a autoria de Aguinaldo Silva - aprendiz de Dias Gomes na arte de trabalhar com o Realismo Fantástico - e coautoria de Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn, a novela começou a ser produzida a exatos 40 dias antes de sua estreia.

Em 14 de agosto de 1989, estreou 'Tieta', o último grande sucesso do horário das 20h nos anos 80, e a primeira novela após o fim definitivo da Censura Federal às artes e aos conteúdos produzidos pela televisão. Segundo o site Memória Globo: "(...) Aguinaldo Silva ressaltou que, em Tieta, pretendeu fazer uma metáfora sobre a volta da liberdade de expressão na novela brasileira. No capítulo em que Tieta (Claudia Ohana) é expulsa de casa pelo pai, Zé Esteves (Sebastião Vasconcelos), ele arranca aquele dia do calendário e diz: "Faz de conta que esse dia nunca aconteceu". O dia marcado na folhinha é 13 de dezembro de 1968, data em que foi promulgado o AI-5." (GLOBO, Memória; Tieta).

Naquele momento, o país passava por uma transição de preceitos literários, políticos e culturais muito fortes. A televisão passou a ser um eletrodoméstico cada vez mais presente nos lares e no cotidiano do povo brasileiro, e nada mais oportuno do que uma novela que quebrasse o constante e repetitivo eixo Rio-São Paulo como a localidade das tramas antecessoras de 'Tieta'.

Santana do Agreste estampava na tela da televisão a luz e as cores da divisa entre os estados de Sergipe e da Bahia. As paisagens paradisíacas dotadas de dunas de areia, manguezais, coqueiros e encontros de rios com o mar enchiam os olhos de quem assistia e orgulhava os habitantes reais de lugares caracterizados por essa mesma natureza, que podiam, naquele momento, ver a sua região representada e apresentada ao próprio país. A fotografia da região ajudou muito o turismo da região Nordeste a aquecer e entrar na rota dos destinos mais procurados do Brasil, principalmente nos estados do Rio Grande do Norte e da Bahia. Em Mangue Seco-BA, as dunas usadas nas gravações para as cenas da novela e da abertura viraram ponto de referência até os dias atuais, atraindo milhares de turistas todos os anos devido ao sucesso da novela.

É próprio das histórias de Realismo Fantástico evidenciar o que há de mais belo onde as tramas se passam. Para Carpentier (1987, p. 79): “Pela virgindade da paisagem, pela formação, pela ontologia, pela presença fáustica do índio e do negro, pela revelação que propiciou sua descoberta, pelas fecundas mestiçagens, a história da América Latina seria uma crônica do real maravilhoso”.



Dunas em Mangue Seco-BA. Takes do cenário paradisíaco foram usados na abertura da novela. Foto: Memória Globo.

A prosódia também foi muito bem trabalhada na novela, segundo o site Memória Globo: “(...) Para falar com sotaque e usar o vocabulário nordestino, os atores tiveram a assessoria da pesquisadora Íris Gomes da Costa, que aplicou no trabalho expressões citadas nas obras de Jorge Amado e os termos coloquiais usados na região” (GLOBO, Memória; Tieta).

A cidade cenográfica de ‘Tieta’ é um exemplo de como a cenografia da Rede Globo estava cada vez mais avançada em termos de material, acabamento e compromisso em representar a realidade. O centro histórico da cidade de Laranjeiras, município Sergipano que serviu de inspiração para a ambientação da narrativa, foi praticamente reconstruído numa área de 10.000m² em Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A fictícia Santana do Agreste era composta por 46 prédios, duas igrejas, oito ruas, duas praças, um circo abandonado e 15 ruínas.



A semelhança entre a igreja matriz da cidade cenográfica de ‘Tieta’ (à esquerda) e a original na cidade de Laranjeiras, em Sergipe. Imagens retiradas da Internet.

Na ambientação dos cenários internos, a equipe de produção de arte utilizou na decoração objetos e santos feitos por artistas sergipanos. Carrancas, cestos e tapetes de palha, moringas de barro, lamparinas, dentre outros objetos que compõem o imaginário do lar brasileiro fincado nas zonas litorâneas e rurais se

faziam presente e tinham, muitas vezes, utilidade como objetos de cena, tornando-se, definitivamente, parte da história.

Na narrativa, Santana do Agreste carregava consigo muitas das dificuldades e desigualdades carregadas por milhares de municípios brasileiros até os dias atuais. O fato da cidade ser muito atrasada, praticamente esquecida do restante do mundo, provocou durante a trama inúmeras discussões com relação às muitas faces do progresso, sempre levantando questões como “o progresso vem para o bem, mas de quem?”, além da pesagem dos fatores culturais e ambientais que acabam sendo ameaçados em primeira mão com a chegada da modernidade e revoluções de um mundo globalizado. Os personagens carregavam suas próprias opiniões com relação ao assunto. O Comandante Dário, vivido por Flávio Galvão, era absolutamente contra a chegada do progresso em Santana do Agreste, sendo ele não nascido lá, foi morar na descansada praia de Mangue Seco - espécie de distrito no litoral da cidade fictícia - para fugir da agitação da cidade grande e fazer uma caça a um tesouro nos mares da região, já a sonhadora Elisa, vivida por Tássia Camargo, vivia descontente com a vida, querendo ir embora da cidade onde nasceu para ir morar em São Paulo perto dos artistas de novelas - novelas estas que ela não assistia pela ausência da televisão na região, mas sim ouvia pelo rádio.

A chegada da televisão em Santana do Agreste é um espetáculo à parte. O veículo vem para a cidade por meio de um comerciante-viajante, Gladstone (Paulo José), que viaja o interior do Brasil com seu caminhão intitulado de “Baú dos Sonhos” em que ele carrega todo tipo de eletrodomésticos e objetos que não fazem parte da realidade daquele lugar perdido no tempo e na poeira das dunas. A rotina e as relações dos moradores acabam sendo afetados pela televisão, que passa a trazer notícias internacionais, abordar, por meio da dramaturgia, assuntos como traição e divórcio. Percebemos aí o próprio veículo, a TV, fazendo uma crítica por meio dele mesmo.

Mais uma vez, a ficção trazida por uma novela de Realismo Fantástico não se distancia dos fatos do país. Em 1993, Lagoa do Barro, cidadezinha no interior do Piauí, recebeu, pela primeira vez, a transmissão de TV. O acontecimento foi registrado com uma fotografia que, recentemente, tem circulado na internet em páginas de fatos e curiosidades, levantando questionamentos em relação à

distribuição dos produtos e mídias advindas dos meios de comunicação num país tão afetado pela desigualdade social.



População de Lagoa do Barro assiste à televisão, pela primeira vez, em 1993.

Imagem retirada da Internet.

(...) “A cidade vivia do rádio, que pegava mal pra caramba. Cinema não tinha, claro. Padre visitava a cidade a cada 3 meses e um médico uma vez por semana. Era um pedacinho no meio do nada, literalmente. O roceiro Joaquim Dias, com 50 anos na época, empolgado, dizia: “Agora vamos ver se há a roubalheira em Brasília mesmo como vieram me contar”. A sessão começou às 18 horas, com o Chaves e seguiu no SBT com o Aqui Agora. Depois, mudaram para o Jornal Nacional e a novela Fera Ferida, da Globo. Foram 3 horas de programação e assim foi durante algum tempo. Mas porque esse horário fixo? Simples: a cidade não tinha energia elétrica. A TV se sustentava de energia solar e para aumentar a “sessão de TV” era preciso de mais baterias para sustentar essa energia” (RENIERE. SBTPedia, 2013).

O dilema da energia elétrica era um fator que enriquecia ainda mais a trama de ‘Tieta’. Com a energia da cidade sendo gerada por um motor à óleo, o

fornecimento só acontecia até às dez horas da noite - situação que acaba sendo resolvida quando o progressista Ascânio (Reginaldo Faria) e Tieta trazem a luz 24h para o lugar -, que era quando as luzes se apagavam e Santana do Agreste se via num gigantesco palco de possibilidades, como, por exemplo, a aparição de lendas urbanas.

Assim como Dias Gomes, Aguinaldo Silva conseguiu criar personagens típicos do cotidiano e que ficaram marcados para sempre no imaginário popular, como o desbocado Bafo de Bode (Bemvindo Sequeira), a sincera Dona Milu (Miriam Pires) e a misteriosa Mulher de Branco - figura mal-assombrada que aparecia nas noites de Lua Cheia e atacava os homens casados da cidade.

O espirituoso retrato do interior baiano e seus habitantes, típicos das obras de Jorge Amado, foi claramente respeitado. Sobre Jorge Amado e a influência do Realismo Fantástico em suas histórias, Allysson Siffert (285) analisa que “(...) O que há de relativamente forte e aproveitável no autor baiano: a fecundidade de contar histórias comunicativas, fáceis de entender e de gostar, ancorada na tradição oral e na observação assídua das camadas populares. Foi assim que o autor baiano logrou retratar com alguma originalidade (ainda que sob ênfases pitorescas de agradar turistas) centenas de figuras inspiradas no povo baiano e brasileiro, e que por vezes parecem seres de carne e osso e não apenas fruto de uma imaginação fértil ou da mera descrição fotográfica.” (SIFFERT, Allyson, 2021).



Mulher de Branco em cena na novela 'Tieta', da Rede Globo, 1989. Imagem retirada da Internet.

A Mulher de Branco sustentava o lado fantástico da novela. Assim como em 'Roque Santeiro (1985)' com o Lobisomem, em 'Tieta' a criatura que atacava os maridos de Santana do Agreste só teve a identidade revelada nos últimos capítulos, onde todos descobrem que trata-se, na verdade, da fogaosa Laura, vivida por Cláudia Alencar.

A denotação do Realismo Fantástico em Tieta também ocorre na crítica do fanatismo religioso, quando o Pastor Hilário (Jorge Dória), usa seus poderes paranormais para fazer uma espécie de "lavagem cerebral" e lutar contra os fiéis da igreja Católica local. Numa icônica sequência, o Pastor trava uma verdadeira guerra com a beata Perpétua (Joana Fomm), com direito a raios sendo lançados e tremores de terra provocados pela mão do Pastor trambiqueiro que entrava na mente das pessoas com o seu bordão "Salve Aleluia, Salve!".



Pastor Hilário (Jorge Dória) em cena na novela 'Tieta', da Rede Globo, 1989.

Imagem retirada da Internet.

No último capítulo da trama, o tão discutido progresso finalmente se estabelece em Santana do Agreste. Os planos de Ascânio de explorar o turismo da região recebe o apoio dos "capitalistas do Sul" - como o próprio personagem se refere a investidores como Tieta, que compra inúmeros terrenos em Mangue Seco e decide investir num enorme complexo turístico com direito a resorts para receber os

milhares de visitantes que, agora, lotam as ruas da não mais pacata cidade. Porém, fazendo uso das possibilidades do fantástico, os autores finalizam a obra com uma tempestade de areia, advinda das dunas, que acaba, literalmente, engolindo Santana do Agreste e tirando-a do mapa, mais uma vez. A sequência final da tempestade de areia, feita por meio da reprodução em miniatura da cidade cenográfica e takes mostrando os cenários internos sendo destruídos pelo vento e pela nuvem de poeira, conclui com a mensagem de que, naquele lugar, a natureza sempre falará mais alto - assim como os instintos de Tieta falaram no passado, quando ela se entregou para as primeiras experiências sexuais que a fizeram ser expulsa dali.



À esquerda, plano geral mostrando a movimentação de Santana do Agreste com a chegada dos turistas. À direita, a cena final em que a cidade é engolida pelas dunas.

Desde 'Roque Santeiro' (1985), a Rede Globo não produzia uma telenovela nele estilo, com texto regionalista, rico em humor, críticas políticas e sociais e com uma bíblia de personagens marcantes e tão brasileiros quanto os próprios telespectadores, que viram em 'Tietê', assim como nas outras duas novelas já citadas neste artigo, um microcosmo do Brasil, seus habitantes e suas questões.

Telenovelas por média geral

#	Informações sobre a telenovela				Audiência em São Paulo		Ref.
	Título	Emissora	Capítulos	Exibição original	Média geral	Total de domicílios	
1	<i>Roque Santeiro</i>	Globo	209	24 de junho de 1985 até 22 de fevereiro de 1986	74 pontos	2,11 milhões	[21]
2	<i>Tieta</i>	Globo	196	14 de agosto de 1989 até 31 de março de 1990	65 pontos	2,51 milhões	[22]

Lista de Telenovelas brasileiras com maior audiência. Wikipédia. Acessado em 17/06/2022 às 20:48

Sustentando uma média geral de 65 pontos de audiência, atingindo um total de 2,51 milhões de domicílios (estes localizados em São Paulo, apenas), teve seu último capítulo, em 31 de março de 1990, com média de 78 pontos - ainda se aproximando dos 90 -, e é a segunda telenovela mais vista da história, ficando atrás apenas de 'Roque Santeiro', obra também regionalista e referência em Realismo Fantástico na teledramaturgia brasileira.

4.4 O DECLÍNIO DO REALISMO FANTÁSTICO NA TV BRASILEIRA

Após 'Tieta', já nos anos 90, Aguinaldo Silva seguiu, juntamente com os parceiros Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn, assinando a autoria de novelas de Realismo Fantástico no horário das 20h da Rede Globo: Pedra Sobre Pedra (1992), Fera Ferida (1993), A Indomada (1997) e Porto dos Milagres (2001), sendo estas duas últimas escritas apenas com Ricardo Linhares.

Todas as obras acabaram fazendo uma série de repetições da mesma receita dos sucessos anteriores: as tramas se ambientam em cidades fictícias no interior do Nordeste, criando um microcosmo do Brasil, com cenas de Realismo Fantástico e personagens com tipos e conflitos muito parecidos.

Em todas elas, um elenco de peso dava vida a personagens com essências muito parecidas e já bem conhecidas, como beatas conservadoras da moral e dos bons costumes, chefes políticos enrolados, prostitutas fogosas e de bom coração e todos os tipos comuns presentes no universo brasileiro da literatura de Jorge Amado e na dramaturgia fantástica de Dias Gomes.

Analisando bibliograficamente os dados com as médias de audiência de Pedra Sobre Pedra (1992), Fera Ferida (1993), A Indomada (1997) e Porto dos Milagres (2001) extraídos em matérias dos sites O TV Foco, Revista Crescer e O Globo é possível, sem esforços, constatar o processo de declínio cronológico do Realismo Fantástico quanto estilo produtor de sucessos na teledramaturgia.

As médias gerais foram: Pedra Sobre Pedra com 57 pontos, Fera Ferida 53 pontos, A Indomada 48 pontos e Porto dos Milagres 44 pontos - 21 pontos a menos do que 'Tieta', último grande sucesso do estilo.

Foi com 'Porto dos Milagres', em 2001, que a Rede Globo freou a produção de novelas de Realismo Fantástico. Além dos resultados apontarem a significativa queda da audiência de narrativas desse gênero, 'Porto dos Milagres' foi alvo da crítica artística, além dos problemas durante a sua produção. A jornalista Leila Reis se referiu à novela como "uma colagem de velhas histórias" numa matéria publicada em 22 de Setembro de 2001, no jornal 'O Estado de São Paulo', onde ela analisa que: "(...) Porto dos Milagres é um prato requeimado, mas nem por isso enfeitado. Assim como as crianças, que quanto mais vêem um desenho mais querem revê-lo, o telespectador - bem ao contrário do destemido Guma (Marcos Palmeira) - parece sentir-se mais à vontade nadando em águas conhecidas. E como a regra é não arriscar, as redes seguem reeditando o que já foi testado no ibope (REIS, Leila; O Estado de São Paulo, 22 de Setembro 2001).

'Porto dos Milagres' também sofreu severas críticas do movimento negro do estado da Bahia, em razão do baixo número de atores negros no elenco e em detrimento da ausência de protagonistas da mesma etnia. O questionamento ganha mais sentido pelo fato da novela ser ambientada na Bahia, sendo esse o estado com a maior população negra do Brasil.

A trama também trabalhava o fantástico por meio de entidades religiosas, como Iemanjá, a quem muitos personagens dedicavam preces e recebiam bençãos e livramentos, como o protagonista Guma, que é salvo pela orixá em meio a uma violenta tempestade no mar. Por tratar temáticas baseadas em crenças de religiões de matriz africana, 'Porto dos Milagres' acabou causando movimentações na comunidade cristã, que viram problema na atribuição dos milagres da trama à figura sagrada do Candomblé - sendo, inclusive evidenciado pelo próprio título da novela. Numa matéria publicada no jornal 'O Estadão', em 09 de Abril de 2001, conta que "(...) Wilson Victoriano Ferreira da Silva, diretor espiritual da Renovação Carismática

da Diocese de Jundiaí, acreditou que os problemas começavam pelo título da novela. "Iemanjá é uma divindade pagã e não pode ser comparada com Nossa Senhora, mãe de Deus. Não aceitamos essa identificação. Um deus pagão não pode fazer milagres", comentou ele. Já a visão do babalorixá Salvador Maria é contrária; ele assegura que a novela é inofensiva, e retrata com riqueza de detalhes o candomblé. Segundo ele, que não tinha costume de assistir novelas, a história teve uma boa repercussão entre os espiritualistas. "Não acredito que uma história contada na televisão influencie tanto assim as pessoas. Quem tem fé e religião não muda só por causa de uma ficção", disse. Para ele, Mãe Ricardina, personagem de Zezé Motta, mostrou que a religião não faz ligações com o mal. "O candomblé sofre preconceito e a novela está mostrando a verdade", enfatizou" (O Estadão, 09 de Abril de 2001).

Para completar, em 2004, as escritoras Ione de Moraes Bueno e Adelaide Magalhães Veiga Ferreira entraram com uma ação contra a Rede Globo, Aguinaldo Silva e Ricardo Linhares acusando-os de plágio. Porém, em razão da falta de provas materiais, o pedido de indenização das autoras pelo suposto plágio foi indeferido pelo tribunal.

O fato é que a TV Brasileira estava mudando em ritmo acelerado desde o início dos anos 90. Na chegada do novo milênio, em 2000, a teledramaturgia já vinha sendo brindada com sucessos de Manoel Carlos, como 'Por Amor' (1997) e 'Laços de Família' (2000), contando as histórias de famílias cariocas de classe média alta, seus dramas cotidianos e suas rotinas por entre as ruas e os calçadões do bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Essas histórias rapidamente acabaram caindo no gosto do público que, em decorrência de fatores como a migração para os grandes centros urbanos e o advento da internet que permite visualizar contextos políticos, sociais e econômicos idealizados, assim, rapidamente, perdem o interesse por tramas essencialmente rurais, cômicas, políticas e fantásticas, passando a enxergar no sofisticado Realismo Urbano um estilo mais desejado, embora não tão próximo da realidade geral do brasileiro, visto que a realidade das famílias mais abastadas distancia a figuração que está próxima de todos nós.

Por muito tempo, as tramas regionalistas ficaram restritas às novelas de época no horário das 18h, com os sucessos de Benedito Ruy Barbosa e Walcyr Carrasco, mas sem fazer uso do Realismo Fantástico e da linguagem metafórica para abordar o país, o povo brasileiro e suas questões.

4.5 O BRASIL VOLTA A SONHAR E A SE VER

Neste ano de 2022, o Realismo Fantástico voltou à TV aberta com ‘Pantanal’, na Rede Globo. A trama rural, original de Benedito Ruy Barbosa, parou o Brasil em 1990 quando foi produzida pela extinta TV Manchete e retornou este ano com um remake adaptado por Bruno Luperi, neto de Benedito, e sob a cuidadosa direção de Rogério Gomes e Gustavo Fernandez.

A Rede Globo iniciou uma intensa e bem elaborada campanha de divulgação do remake, ganhando, inclusive, uma matéria especial no programa ‘Globo Repórter’ em março. O sucesso já era esperado.

Hoje, no mesmo Brasil de ‘Saramandaia’, ‘Roque Santeiro’ e ‘Tieta’, 33 anos depois do último sucesso do Realismo Fantástico na Rede Globo, quem acessa as redes sociais no horário das 21h - a faixa de horário que substituiu a antiga faixa das 20h - vai encontrar uma série de memes e publicações sobre ‘Pantanal’. Na última década, desde a realista ‘Avenida Brasil’, em 2012, um folhetim não provocava este efeito de comoção popular, a ponto dos acontecimentos dos capítulos corridos estarem sendo comentados pelo público nas ruas, nos lares e nos bares do país.

Quando ‘Pantanal’ foi exibida em 1990 pela TV Manchete, o dia-a-dia do brasileiro era bem diferente do atual. A internet não fazia parte da rotina das pessoas e, portanto, não existiam as redes sociais. Todo comentário acerca da novela acontecia por meio do boca a boca e da imprensa. Hoje, em 2022, vivemos na era digital, em que o público usa do meio virtual para reunir-se e discutirem sobre a trama. O fato de tudo estar na internet, um meio de comunicação global, faz com que a obra ganhe um alcance muito maior, não se restringindo mais às próprias fronteiras do país, isso sem contar com as diversas formas de poder ser assistida com plataformas de streaming, como o *Globoplay*, e sites transmissores de conteúdo televisivo.

A colunista e comentarista de conteúdos da TV Patrícia Kogut comenta que “(...) ‘Pantanal’ está ajudando a trazer os jovens para a TV aberta. Essa era uma antiga preocupação da Globo. Sua audiência é 25% maior que a de ‘Um lugar ao Sol’ entre o público de 15 a 29 anos. Além disso, 40% dos jovens ligados no horário da novela estão na emissora. (KOGUT, Patrícia; O Globo).

“(…) O que atrai o jovem é o sabor da novidade. A novela traz um realismo fantástico que estava abandonado na nossa teledramaturgia. O mote dos mitos e das lendas por meio de personagens como Juma [Alanis Guillen] e Maria Marruá [Juliana Paes] que viram onça, o Velho do Rio [Osmar Prado] que se transforma em sucuri, e Trindade [Gabriel Sater] que incorpora o ‘cramulhão”, comenta Nilson Xavier, crítico de televisão” (GOMIEIRO, Marina; Jornal DCI, 9 de Junho de 2022).

‘Pantanal’ une, novamente, os brasileiros a um Brasil profundo e dotado de uma natureza exuberante, praticamente um paraíso perdido na terra. Esse mesmo paraíso é habitado por lendas como a de Maria e Juma Marruá, mãe e filha que viram onça, do Velho do Rio, que se transforma em sucuri - a maior de todas -, de Trindade, o violeiro que fez pacto com o Diabo, e de pessoas comuns como fazendeiros, peões, prostitutas, chalaneiros, donas de casa, dentre outros. A mesma narrativa que está fazendo o público sonhar é a que também nos convida à reflexão acerca de temáticas que estavam presentes na exibição original e que permaneceram pertinentes, mesmo 32 anos depois, como a distribuição de terras no país, violência doméstica, sustentabilidade, analfabetismo, abuso de poder e corrupção.



À esquerda, Juma Marruá (Alanis Guillen) e, à direita, o Véio do Rio (Osmar Prado) em ‘Pantanal’, 2022, da Rede Globo. Imagens retiradas da Internet.

Com relação aos dados de audiência, o sucesso é comprovado. Sua antecessora, ‘Um Lugar ao Sol’, da hiper realista Lícia Manzo, terminou com o pior

ibope da história de um folhetim do horário das nove, uma média geral de 22 pontos. Desde a sua estreia, 'Pantanal' tem recuperado o público de maneira eficiente, mas sem acelerar a sua trama. Uma reportagem de 19 de abril de 2022, do portal na internet TV POP, apontou que os dados de audiência da Grande São Paulo registraram um novo recorde de público no capítulo daquele dia. Mesmo sem atrativos especiais, 'Pantanal' marcou uma média de 30,2 pontos, sendo assistido por cerca de dois milhões e 254 mil domicílios, apenas na capital paulista - esse índice revela a maior marca alcançada por um programa de televisão nesta localidade em 2022, superando os 29,4 pontos alcançados no dia 07 de Abril de 2022 também pela própria novela. Ainda segundo o portal TV POP, o capítulo especial de 13 de Junho de 2022, onde foi apresentada a esperada morte do vilão Levi, o folhetim alcançou mais um novo recorde: 33,1 pontos, sendo, com folga, o programa mais assistido da TV Brasileira no dia.

Inúmeros fatores estão fazendo de 'Pantanal' um dos maiores fenômenos da televisão desta década: a deslumbrante fotografia, a sensível direção, texto rico, história cativante, o retorno de uma trama rural em horário nobre, além de despertar a memória afetiva do público que assistiu ao sucesso da primeira versão. Porém, é inegável afirmar que o êxito da obra também pode ser explicado pelos elementos fantásticos que seduzem e convidam o telespectador a sair um pouco da realidade por meio da autêntica e chamativa linguagem do Realismo Fantástico, numa trama que revela os aspectos positivos e negativos de um país representado por um lugar específico - sendo este tão distante e, portanto, sagrado -, habitado por personagens tão brasileiros quanto os seres encantados, sempre presentes no imaginário popular, aos quais dividem o mesmo espaço-tempo com admirável aceitação de suas existências e ações, aspecto típico presente em obras do estilo latino-americano que, por via dos fatos atuais, promete continuar encantando e produzindo muitos outros sucessos na teledramaturgia brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluímos que a volta de 'Pantanal' oportuniza, mais uma vez, o Realismo Fantástico como um estilo gerador de sucessos na teledramaturgia brasileira.

Além disso, este retorno também traz à tona afirmações freudianas: que o ser humano necessita de descanso mental da realidade absoluta a qual está inserido. A fuga da guerra entre a morte e a vida é, neste caso, artisticamente encarada pelo Realismo Fantástico, com situações em que um homem pode ser “eterno como as águas de um Rio” e que uma mulher pode se transformar em onça para se autodefender. Tudo isso pertencente a um mundo que é ao mesmo tempo real e irreal, pois o homem é constituído por realidade e fantasia e, ao final, vive na eterna busca pela felicidade - advinda do princípio do prazer. Vemos neste contexto que o lazer proporcionado pelo realismo fantástico se encaixa na necessidade de um povo cansado de uma realidade nacional dura e estafante. Se houve a queda do realismo fantástico em algum momento, há também a urgente necessidade de sua ascensão para ancorar “ilusões prazerosas”.

Como bem explica Freud (p. 92): “(...) Os juízos de valor dos homens são inevitavelmente governados por seus desejos de felicidade, e que, portanto, são uma tentativa de escorar suas ilusões com argumentos” (FREUD, Sigmund; 1930).

Se faz necessário salientar o resgate da identidade do povo brasileiro na teledramaturgia brasileira, sendo a novela o meio mais popular e eficiente para revelar e dialogar com o povo nas mais diversas classes sociais, culturais e regionais, sobretudo com o uso do Realismo fantástico no desenvolvimento de suas narrativas, em que suas identidades são posicionadas de forma mais leve e convidativa em prol de um entretenimento contemplativo diante de suas virtudes e suas agruras.

Assim, finalizo este artigo com um trecho da canção “Era Casa Era Jardim”, do poeta e violeiro paraibano Vital Farias, que bem representa o exitoso sentimento de fuga da realidade despertado no público que acompanham, independentemente da época em que estejam, obras como ‘Saramandaia’, ‘Roque Santeiro’, ‘Tieta’ e ‘Pantanal’, que elevam a altos níveis e imortalizam o Realismo Fantástico na televisão aberta do Brasil.

“Era um telhado um pombal

Melodias e madrigal

E ninguém nem percebia

Que o real e a fantasia

Se separam no final.”

Era Casa Era Jardim - Vital Farias.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, 5ª edição - São Paulo : Martins Fontes, 2007.

ALENCAR, Mauro. A magia da América Latina. In: Caderno Globo Universidade, Rio de Janeiro, Globo, n. 3, 2013.

BALOGH, Ana Maria. O discurso ficcional na TV: sedução e sonhos em doses homeopáticas. São Paulo: Edusp, 2002.

BORELLI, Silvia H. Simões. Telenovelas: padrão de produção e matrizes populares. In: BRITTO, Valério Cruz; BOLAÑO, Cesar Ricardo S. (Org.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. A ficção equilibrista : narrativa, cotidiano e política / Vera Lúcia Follain de Figueiredo. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio ; Belo Horizonte, MG : Relicário, 2020.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. Realismo maravilhoso: o realismo de outra realidade. In: Caderno Globo Universidade, Rio de Janeiro, Globo, n. 3, 2013.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. - 1ª ed. - São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GOMES, Dias. Apenas um subversivo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GRAZIELA, Laura F. Gomes. Novela e sociedade no Brasil. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

HAAG, Carlos. A novela perdeu o bonde da história. Pesquisa Fapesp, n. 186, ago. 2011.

JOHNSON, Allan G. Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica / Allan G. Johnson; tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. - Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Comunicação e latinidade: um estudo de televisão e ficção seriada. *Desafios da Comunicação Social*, Québec, Canadá, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2003.

SIFFERT, Alysson Quirino. *O Realismo do Fantástico: teoria geral e obras exemplares* / Alysson Quirino Siffert. UFMG, 2021.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TREVISAN, Ana Lucia. Caminhos da representação do real. In: *Caderno Globo Universidade*, Rio de Janeiro, Globo, n. 3, 2013.

ANGEL, Carmen. 70 anos de novelas: 'Roque Santeiro' é eleita a trama mais marcante seguida de 'Vale Tudo'. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 21 de Dez. de 2021.

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/70-anos-de-novelas-roque-santeiro-eleita-trama-mais-marcante-seguida-de-vale-tudo-25323751>. Acesso em: 06 de Jun. de 2022.

BUENO, Marcelo Cunha. Aguinaldo Silva divulga lista das novelas com maior audiência da história. **Revista Crescer**, sem data de publicação. Disponível em:

<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI63532-15565,00-AGUINALDO+SILVA+DIVULGA+LISTA+DAS+NOVELAS+COM+MAIOR+AUDIENCIA+DA+HISTORIA.html>. Acesso em: 14 de Jun. de 2022.

Cordel na TV. **Que República é essa?**, 2019. Disponível em:

<http://querepublicaeessa.an.gov.br/conte-uma-historia/194-cordel-na-tv.html>. Acesso em: 07 de Jun. de 2022.

FREITAS, Mauricio. Globo completa 50 anos! Confira o ranking das novelas com maior audiência da história da emissora. **O TV Foco**, 2015. Disponível em:

<https://www.otvfoco.com.br/globo-completa-50-anos-confira-o-ranking-das-novelas-com-maior-audiencia-da-historia-da-emissora/>. Acesso em: 20 de Maio de 2022.

GOMIEIRO, Mariana. O que faz da novela Pantanal um sucesso 32 anos depois da 1ª versão. **Jornal DCI**, 09 de junho de 2022. Disponível em:

<https://www.dci.com.br/dci-mais/cinema-e-tv/o-que-faz-da-novela-pantanal-um-sucesso-32-anos-depois-da-1a-versao/252735/>. Acesso em 17 de Jun. de 2022.

KOGUT, Patricia. 'Pantanal' está ajudando a trazer jovens para a TV aberta: veja os números. **O GLOBO**, 06 de maio de 2022. Disponível em:

<https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/coluna/noticia/2022/05/pantanal-esta-ajudando-trazer-jovens-para-tv-aberta-veja-os-numeros.html>. Acesso em: 17 de Jun. de 2022.

Pantanal bate novo recorde e recoloca novelas das nove nos 30 pontos. **TV POP**, 20 de abril de 2022. Disponível em:

<https://www.tvpop.com.br/57166/audiencias-19-abril-pantanal-bate-novo-recorde-e-recoloca-novelas-das-nove-nos-30-pontos/>. Acesso em 17 de Jun. de 2022.

Piranhas comem Levi e fazem Pantanal devorar audiência da concorrência. **TV POP**, 14 de Junho de 2022. Disponível em:

<https://www.tvpop.com.br/69698/audiencias-13-junho-piranhas-comem-levi-e-fazem-pantanal-devorar-audiencia-da-concorrenca/>. Acesso em 17 de Jun. de 2022.

Realismo fantástico de Dias Gomes arrebatou o público e transformou 'Saramandaia' no maior sucesso da faixa das 22h. **Memória da TV**, 2021. Disponível em:

<https://memoriadatv.com.br/noticia/7169/realismo-fantastico-de-dias-gomes-arrebato-u-o-publico-e-transformou-saramandaia-no-maior-sucesso-da.html#:~:text=A%20novela%20arrebatou%20o%20p%C3%ABblico,m%C3%A9dia%20geral%20de%2036%20pontos>. Acesso em: 03 de Jun. de 2022

REIS, Leila. 'Porto' é uma colagem de velhas histórias. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 de Setembro de 2001. Disponível em:

<https://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=72522&PageNo=15>. Acesso em: 15 de Jun. de 2022.

Religiosos atacam novelas da Globo. Estadão, 09 de abril de 2001. Seção de Cultura. Disponível em:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,religiosos-atacam-novelas-da-globo,20010409p7545>. Acesso em: 15 de Jun. de 2022.

RENIERE. Cartas e Cartazes nº 48: Cidade do Piauí recebe pela 1ª vez transmissão de TV e seriado Chaves é o pioneiro (05/12/1993). **SBTPedia**, 2013. Disponível em:

<http://www.sbtpedia.com.br/2013/05/cartas-e-cartazes-n-48-cidade-do-piaui.html>.

Acesso em: 15 de Jun. de 2022.

Romaria e fé: a força que move as pessoas. **O Dia Mais**, 2017. Disponível em:

<https://odiamais.com.br/romaria-e-fe-a-forca-que-move-as-pessoas/>. Acesso em: 10 de Jun. de 2022.

Roque Santeiro. **Memória Globo**, 2021. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/roque-santeiro/noticia/roque-santeiro.ghtml>. Acesso em: 10 de Jul. de 2021.

TEIXEIRA, Sérgio. Tieta (Bastidores). **Mundo Novelas**, 2017. Disponível em:

<https://mundonovelas.blogspot.com/2017/05/tieta-bastidores.html>. Acesso em: 15 de Jun. de 2022.